

SYLVIA BROWNE
COM LINDSAY HARRISON

O Fim dos Tempos

Previsões e Profecias sobre o Fim do Mundo

Tradução de
Susana Serrão

Pergaminho

O Fim dos Tempos: Porquê Este Livro Agora?

Peço-lhe para não tirar ilações precipitadas de que há algo urgentemente significativo no momento em que este livro foi para o prelo.¹ Prometo que terá tempo de o ler mais de uma vez antes do fim da vida na Terra.

Na verdade, são várias as razões para este livro estar no topo da minha lista de prioridades. Falarei de muitas delas ao longo da narrativa, no contexto dos capítulos propriamente ditos. Ora, uma das razões mais importantes também é uma das mais evidentes: nunca me tinham feito tantas perguntas sobre o fim dos tempos como nos últimos anos. Então e a Segunda Vinda de Cristo? Quando devemos começar à procura d'Ele? Ou já cá está? E o Anticristo, estará cá também? Caso contrário, quando é que aparece e quem será? Devemos interpretar o livro bíblico do Apocalipse ao pé da letra? Nostradamus deu a entender que o Anticristo já se encontra entre nós, e o calendário maia diz especificamente que o mundo acaba em 2012, mesmo ao virar da esquina. Será verdade? Se não for, quando *acabará*, e como?

Quando surge repetidamente determinado assunto entre os meus clientes, é natural que eu comece a estranhar essa “coincidência” (o leitor sabe que não há coincidências, certo?). Ora, tenho algumas teorias. Uma delas em como, porventura no rescaldo da histeria com a viragem do milénio – admitamos que *histeria* não é exagero –, surgiu um sentimento generalizado de nos termos safado, como que

¹ Como referido na nota da editora, este livro foi editado pela primeira vez em 2008. (N. da T.)

fugindo à inevitabilidade da destruição total e vivendo agora em prolongamento. Outra teoria congénere é que livros, artigos, reportagens televisivas e sermões religiosos sobre o apocalipse gozaram de extrema popularidade na viragem deste século e, embora a crise (imaginária) do fim do mundo tenha surgido e desaparecido, a apreensão inerente a tanta informação continua a fervilhar na mente coletiva e está finalmente a extravasar. Ainda outra teoria que defendo, como veremos nos próximos capítulos, é que, com o avançar deste século, a espiritualidade do nosso planeta vai continuar a ganhar um poder e uma força sem precedentes, dado que o ser humano, e já não era sem tempo, começa a dar atenção à voz do espírito no seu interior, recordando-nos que, sim, chegou realmente a altura de tratar de assuntos pendentes. Esse crescimento espiritual já se verifica, fazendo com que cada vez mais dos meus clientes pensem além da vida quotidiana e procurem respostas para as grandes questões sobre o futuro do seu espírito e de todo e qualquer espírito atualmente residente num planeta que, segundo inúmeros boatos, não vai durar para sempre.

Eram vários os clientes a passar pelo mesmo medo compreensível: não conseguiam livrar-se da sensação de que o fim dos tempos estaria próximo; esta ocupava-lhes o pensamento sem tréguas. Para eles, e para todos os leitores que comungam desse medo, venho aqui dar provas concretas de que nós, cidadãos do mundo no século XXI, não somos os primeiros convictos da iminência do fim. Exemplos historicamente verificáveis:

Aproximadamente em 2800 a.C., alguém gravou numa tabuinha assíria estas palavras: “A nossa terra está degenerada nestes últimos dias. Há sinais de que o mundo chega vertiginosamente ao fim.”

A Bíblia cita Jesus dizendo aos apóstolos, no Evangelho segundo São Mateus, 16:28: “(...) alguns dos que aqui estão de modo nenhum provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.” E em Mateus 24:34: “(...) não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.” O que muitos interpretaram foi que Jesus voltaria antes de os apóstolos falecerem.

Cerca de 90 d.C., o quarto papa, Clemente I, previu que o fim do mundo estava iminente.

No século II, a seita cristã dos Montanistas defendia que Cristo voltaria durante o tempo de vida dos crentes e que a Nova Jerusalém “viria de Deus no céu”. Um líder romano tinha tal certeza de que faltavam apenas dois dias para o fim do mundo que, junto com os seus seguidores, se desfez das propriedades e de todos os outros pertences para se preparar.

Em 365 d.C., um bispo chamado Hilário de Poitiers fez uma declaração pública de que o mundo acabaria nesse ano.

Algures entre 375 e 400 d.C., um aluno desse Hilário de Poitiers, o futuro São Martinho de Tours, quis preparar os acólitos para um fim do mundo definitivo que não passaria do ano 400. Além disso, afirmou: “Não há dúvidas de que o Anticristo já nasceu.”

Em meados do primeiro milénio, surgiram várias previsões finimundistas, incluindo a de Hipólito de Roma, o “antipapa” que desertou temporariamente da Igreja Católica porque queria implementar determinadas reformas e cujas contas o convenceram de que a Segunda Vinda de Cristo se daria seis mil anos após a Criação, ou seja, no ano 500 d.C.

Sexto Júlio Africano, teólogo romano, tinha a certeza de que o fim dos tempos seria no ano 800 d.C.

Os cristãos comemoram anualmente a festa da Anunciação a 25 de março, o dia em que um anjo apareceu à Virgem Maria e lhe disse que ela daria à luz Cristo. No ano de 992, a Sexta-feira Santa, que é o reconhecimento da Crucificação de Cristo, bisou com a festa da Anunciação, convergência essa prevista durante séculos como a chegada do Anticristo, seguida de perto pelo fim do mundo, segundo o Livro do Apocalipse.

O ano 1000 constituiu a oportunidade para a primeira histeria oficial do milénio, acrescida pela exumação do cadáver de Carlos Magno dado que, reza a lenda, um imperador voltaria da campa para combater o Anticristo.

Muitas autoridades que haviam proclamado aos quatro ventos o fim do mundo definitivo no ano 1000 justificaram esse equívoco óbvio “apercebendo-se” de que deveriam ter acrescentado a longevidade de

Jesus ao cálculo da previsão. Por conseguinte, o mundo passava a acabar fiavelmente em 1033.

Por outro lado, um padre chamado Gerardo de Poehlde tinha a certeza de que o reino dos mil anos de Cristo tivera já início com a ascensão do imperador Constantino. Logo, Satanás fugiria à servidão em 1147 e tomaria a Igreja.

João de Toledo, astrólogo espanhol, convenceu-se de que um alinhamento de planetas específico em 1186 era sinal de que o mundo seria destruído pela fome, por terremotos, tormentas catastróficas e erupções vulcânicas.

Segundo um místico e teólogo italiano chamado Joaquim de Fiore, o Anticristo já encarnara na Terra e seria derrotado pelo rei Ricardo I de Inglaterra, prefigurando o grande renascimento do mundo em 1205.

Em 1260, o Irmão Arnaldo, monge dominicano, previu o fim do mundo iminente em que ele chamaria Jesus a julgar os líderes da Igreja por todo o mundo, e em que Jesus denunciaria o Papa como o tão esperado Anticristo.

O papa Inocêncio III anunciou o ano de 1284 como fim do mundo, tendo chegado a esta data por somar 666 anos, do Livro do Apocalipse, à data de fundação do Islão.

Em 1300, um alquimista franciscano chamado Jean de Roquetaillade publicou previsões da chegada do Anticristo em 1366, seguida até 1370 por um Sabat milenar, em que Jerusalém seria o centro do mundo.

Uma congregação denominada Irmãos Apostólicos, crente de que eram a nova autoridade romana católica, tinha a certeza de que, em 1307, todo o clero da Igreja, incluindo o Papa, morreria numa grande guerra que levaria à Era do Espírito.

O arcediogo checoslovaco Miltz de Kromeriz insistiu que o Anticristo se revelaria até 1367, anunciando o fim do mundo.

Em 1496, muitos líderes da Igreja começaram a prever o Apocalipse baseando-se no facto de que em breve passariam mil e quinhentos anos do nascimento de Cristo.

Houve astrólogos que previram um dilúvio global que destruiria o mundo em 1524.

O reformista Hans Hut entendeu congregar 144 mil santos eleitos em preparação para o regresso de Cristo em 1528.

Um visionário alemão chamado Melchior Hoffman profetizou a Segunda Vinda de Cristo em 1533 e o restabelecimento de Jerusalém em Estrasburgo, na Alemanha. Seguindo o Livro do Apocalipse, defendeu que seriam salvos 144 mil fiéis, mas que o resto do mundo morreria nas chamas.

O astrólogo Richard Harvey previu a Segunda Vinda de Cristo para o meio-dia de 28 de abril de 1583.

Segundo o monge dominicano, poeta e filósofo Tomaso Campanella, o Sol e a Terra estavam destinados a colidir em 1603.

Em 1661, um grupo que se autodenominava Homens da Quinta Monarquia decidiu que, se conseguissem derrubar o Parlamento, poderiam provar a Deus que a fé estava bem viva na Terra e que era tempo de Jesus voltar e reivindicar o seu reino milenar por direito.

Cristóvão Colombo escreveu *O Livro das Profecias* em finais do século xv, inícios do xvi, incluindo uma previsão para o fim do mundo em 1658.

Quando se deu uma reforma na Igreja Ortodoxa Russa, um grupo intitulado Velhos Crentes saiu da Igreja e começou uma fé própria, ultraconservadora e ultratradicional, incluindo a crença de que o mundo acabaria em 1669. Entre 1669 e 1690, decidiram imolar-se quase vinte mil Velhos Crentes para não enfrentarem o Anticristo.

No século xvii, o pastor batista Benjamin Keach previu o fim do mundo para 1689, secundado pelo profeta francês Pierre Jurieu.

Cotton Mather, clérigo puritano e famoso caçador de bruxas, previu o fim do mundo para três alturas diferentes, a primeira em 1697.

A 13 de outubro de 1736, foram muitos os que se prepararam para um dilúvio global previsto por William Whitson, teólogo e matemático britânico.

O famoso místico Emanuel Swedenborg alegou que os anjos lhe tinham anunciado o fim do mundo para 1757.

Charles Wesley, que fundou o Metodismo com o seu irmão John, garantia que o Juízo Final ocorreria em 1794. John Wesley discordava e alegava que o fim do mundo seria em 1836, altura em que a “besta do Apocalipse” sairia do mar e encetaria uma nova era de paz.

O presbiteriano Christopher Love advertiu os acólitos para um terramoto descomunal que destruiria a Terra em 1805.

Em 1814, uma profetisa de sessenta e quatro anos chamada Joanna Southcott alegou estar grávida do menino Jesus e que este nasceria a 25 de dezembro. Em vez de dar à luz nesse dia, morreu e viu-se na autópsia que afinal não estava grávida, o que não surpreendeu ninguém.

Margaret McDonald, profeta cristã de quinze anos, declarou em 1830 que o Anticristo era Robert Owen, cofundador do socialismo.

Houve uma crença amplamente divulgada de que a Guerra da Crimeia, 1853-56, em que a Rússia e a França queriam decidir qual das nações resgataria a Palestina ao Império Otomano, era na verdade a grande batalha do Armagedão profetizada no Apocalipse.

Consta que Ursula Southell, profetisa britânica do século XVI que ficou famosa como Mãe Shipton, declarou: “Virá o fim do mundo / em mil oitocentos e oitenta e um.” Desde então, abundam teorias de que as profecias da Mãe Shipton foram escritas e imputadas depois da sua morte, e que a “sua” previsão de 1881 foi obra do editor Charles Hindley.

Joseph Smith, fundador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou seja, a Igreja Mórmon, dizia, “Profetizo em nome do Senhor Deus, e que fique escrito – o Filho do Homem não virá nas nuvens do céu até eu completar oitenta e cinco anos”. Smith faria oitenta e cinco anos em 1890 mas, nessa data, já tinha morrido há quase cinquenta.

Em finais do século XIX, o físico William Thomson, ou seja, Lorde Kelvin, afirmou que só havia oxigénio na atmosfera para a humanidade viver mais trezentos anos e, logo, a raça humana estava destinada a morrer sufocada.

A 13 de novembro de 1900, dia da sua previsão para o Juízo Final, mais de cem membros de uma seita russa denominada Irmãos e Irmãs da Morte Vermelha anteciparam-se e tiraram as próprias vidas.

A 17 de dezembro de 1919, segundo o sismólogo e meteorologista Albert Porta, uma conjunção específica de seis planetas criaria uma corrente magnética poderosa a ponto de fazer explodir o Sol e engolir a Terra.

Herbert W. Armstrong, fundador da Igreja Mundial de Deus nos anos 30 do século xx, acreditava que o Arrebatamento se daria em 1936 e que apenas os membros da sua igreja seriam atraídos aos braços de Jesus no céu para se salvarem. Quando o ano de 1936 chegou e passou sem Arrebatamento, ele alterou a profecia para 1975.

Leonard Sale-Harrison, professor da Bíblia, fez uma digressão pela América do Norte para dar uma série de conferências proféticas nos anos 30 do século xx, garantindo ao público que o mundo acabaria em 1940 ou 1941.

Quando o estado de Israel foi fundado em 1948, muitos cristãos acreditaram que se cumpria assim o acontecimento final previsto conducente à Segunda Vinda de Cristo.

A astróloga Jeane Dixon previu que este planeta seria destruído a 4 de fevereiro de 1962 pela força dum alinhamento planetário.

Moses David, fundador de um grupo religioso denominado Filhos de Deus, previu que, provavelmente em 1973, a Terra seria atingida por um cometa que acabaria com toda a vida nos Estados Unidos. Posteriormente, reviu esta previsão para incluir uma batalha do Armagedão em 1986 e a Segunda Vinda de Cristo em 1993.

Em 1987, o escritor e artista José Argüelles advertiu que, a menos que 144 mil pessoas se juntassem em lugares específicos pelo mundo inteiro, nos dias 16-17 de agosto em honra da Convergência Harmónica, o Armagedão seria inevitável.

A obra *88 Reasons Why the Rapture Could Be in 1988* [88 Razões para o Arrebatamento Acontecer em 1988], do cientista da NASA Edgar C. Whisenant, vendeu mais de quatro milhões de exemplares.

O escritor fundamentalista Reginald Dunlop previu que, dado que 23 de setembro de 1994 era a última data gravada na Grande Pirâmide de Gizé, o mundo claramente não sobreviveria além desse dia.

O ano de 1999 foi dado como fim do mundo definitivo por, nomeadamente, os Adventistas do Sétimo Dia, as Testemunhas de

Jeová, o linguista Charles Berlitz, o historiador espiritual Padre Charles Moore, o engenheiro eletrotécnico aposentado Gerald Vano, a espiritualista Eileen Lakes, o cientista nuclear Hideo Itokawa, o “rabino messiânico” Michael Rood, o televangelista Jack Van Impe, o ex-consultor da NASA Richard C. Hoagland, e Joseph Kibweteere, empresário, político e líder de cultos reformado.

Michael Travesser, nascido Wayne Bent, foi marinheiro e agora é líder espiritual de uma seita com sede no Novo México denominada Igreja O Senhor é a Nossa Justiça. Travesser alega ser o tão esperado messias e previu que o mundo teria fim num acontecimento apoteótico a 31 de outubro de 2007.

As Testemunhas do Senhor, seita britânica, após uma complexa série de cálculos baseada em profecias bíblicas, concluiu que as Nações Unidas se iriam apoderar do mundo no mês lunar anterior a 24 de abril de 2001, data essa em que passariam 666 meses da fundação desse organismo. Como tal não aconteceu, não seria necessário preocuparmo-nos com a segunda previsão – depois de as Nações Unidas ganharem controlo global, o Armagedão começaria a 21 de março de 2008, matando três quartos da população mundial.

Falaremos de muitas mais previsões de fim dos tempos ao longo deste livro, e nem assim passaremos da superfície da busca humana por uma ínfima pista fiável que seja quanto ao nosso destino. Irei contribuir com as minhas previsões também, não para acrescentar à confusão mas porque creio de facto haver aspectos do fim dos tempos que não são debatidos com a frequência devida, ao passo que outros recebem muito mais atenção e credibilidade do que merecem.

Três categorias gerais do fim dos tempos

Embora não se verifique em toda e qualquer teoria do fim dos tempos que vamos abordar, é certamente verdade, regra geral, que as teorias e profecias do fim do mundo recaem numa de três categorias: milenarismo, apocalipsismo e messianismo.

O milenarismo, obviamente derivação da palavra latina para um período de mil anos, gira em torno da crença de que a Terra será sujeita a uma série de catástrofes devastadoras, após as quais aqueles “salvos” da humanidade irão passar a eternidade na beatitude do paraíso. À primeira vista, poderá parecer que o milenarismo implica entregarmo-nos todos a um pânico de fim dos tempos na viragem do milénio, como se houvesse maldição iminente em qualquer data de calendário que tenha três zeros. Segundo a História, não fomos a primeira população mundial a cair nessa armadilha mental e emocional.

Todavia, e na realidade, tal como veremos no terceiro capítulo, o milenarismo tem raízes no livro bíblico do Apocalipse, na profecia do apóstolo João (ou pesadelo, ou ensaio político) sobre o fim de tudo. No capítulo 20, diz-nos João:

E vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem... E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a enganar as nações... para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.

Não é difícil ler estes versículos e compreender o significado cultural de um período de mil anos até aos dias de hoje, quer os crentes

nesse significado e que se revejam nele tenham conhecimentos bíblicos, quer não.

O apocalipsismo é uma teoria do fim dos tempos que implica Deus a veicular a Sua ira contra a Terra numa série de cataclismos, depois a julgar cada ser humano segundo os seus atos neste planeta e, finalmente, a tomar o lugar que Lhe é devido enquanto Criador e Supremo Regente do Céu e da Terra.

Provavelmente, as raízes mais fundas do apocalipsismo encontram-se no Antigo Testamento, livro de Daniel, como ilustram os excertos seguintes:

Eu estava olhando, na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu combatiam no mar grande. E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão e tinha asas de águia; eu olhei até que lhe foram arrancadas as asas, e foi levantado da terra e posto em pé como um homem; e foi-lhe dado um coração de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne. Depois disso, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também esse animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava... se levantará um rei, feroz de cara, e será entendido em adivinhações. E se fortalecerá a sua força, mas não pelo seu próprio poder; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os fortes e o povo santo... será tirado o Messias e não será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações... e sobre a asa das abominações virá o assolador,

e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador... e haverá um tempo de angústia... E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno. Os sábios, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente.

Depois temos o messianismo, que gira em torno da premissa de que, no fim, um messias (da palavra hebraica para *ungido*), ou salvador, aparecerá na Terra para levar o povo fiel e devoto de Deus para longe do sofrimento e da opressão rumo a uma eternidade de alegria divina e pacífica. Embora os exemplos mais óbvios de messianismo se encontrem na fé judaico-cristã, veremos que existem outras grandes religiões à espera da chegada de um messias antes do fim dos tempos para o entregar a salvo nos braços de Deus.

Entre as razões que me levam a acreditar que a humanidade tem um fascínio histórico pelo fim do mundo é que, mau grado a promessa repetida de Deus de que somos todos geneticamente eternos, a nossa mente consciente considera o padrão terreno de “princípio, meio e fim” muito mais fácil de abarcar do que o conceito de eternidade. Ouvimos o facto de que, do Outro Lado, não há tempo, de que nada existe além de um “agora” perpétuo e, compreensivelmente, achamo-lo impossível de imaginar, dado que na Terra vivemos praticamente obcecados pelo conceito de tempo. Dizem-nos teólogos geniais e líderes espirituais que este planeta não é a nossa verdadeira Casa em absoluto, que a nossa Casa beatífica e sagrada aguarda pacientemente que deixemos os nossos corpos e voltemos ao nosso lugar, mas não conseguimos lembrar-nos conscientemente de ter vivido noutro, logo, como é que a “Casa” pode ser algures?

Considerando tudo isto, não surpreende que uma sociedade orientada para “princípio, meio e fim” – consumida pela noção de perguntas inerentes ao tempo como, por exemplo, “quando?” e “quanto falta?”, e agarrada ferozmente à Terra na crença errónea de que é a única Casa – queira respostas, sempre tenha querido e sempre vá querer.

Independentemente de os próximos capítulos proporcionarem respostas ou, simplesmente, levantarem mais perguntas, pelo menos saberemos que basta perguntar para exprimir curiosidade quanto a um assunto intemporal como a própria humanidade.